



Alianças e rompimentos eleitorais do “cidismo” no Ceará.

Emanuel Freitas da Silva¹

Artigo recebido em: 07/07/2020

Artigo aceito em: 26/09/2020

RESUMO

O presente artigo apresenta uma análise das dinâmicas políticas mobilizadas durante processos eleitorais em eleições estaduais no que concerne à movimentação dos atores políticos em disputa para a formação de alianças políticas e/ou rompimentos eleitorais. Para tanto, tomou-se como *córpus* de análise as eleições para o governo do estado do Ceará realizadas em 2014, observando-as a partir das movimentações dos atores políticos do Estado desde as eleições de 2010, momento da constituição de um novo ciclo político no Ceará, que foram definindo as posições e os interesses dos grupos políticos em torno da condução do Estado. A partir da observação de publicações da imprensa cearense, dos discursos produzidos em propagandas partidárias, horário eleitoral e da formação de alianças, pôde-se compreender a volatilidade dos acordos políticos em torno de projetos de longo prazo, favorecendo a formação de alianças em torno de *personas políticas*, corroborando com a personalização das disputas e com a centralização em torno de lideranças, que espraiam sua influência nas eleições legislativas.

Palavras-chave: Eleições. Capital Político. Liderança.

Electoral alliances and disruptions of “cidismo” in Ceará.

ABSTRACT

This article presents an analysis of the political dynamics mobilized during electoral processes in state elections regarding the movement of political actors in dispute to form political alliances and / or electoral disruptions. For this purpose, the elections for the government of the State of Ceará, held in 2014, were taken as a corpus of analysis, observing them from the movements of the political actors of the State since the elections of 2010, moment of the constitution of a new political cycle in the Ceará, which were defining the positions and interests of the political groups around the conduct of the State. From the observation of press publications in Ceará, from the speeches produced in partisan advertisements, electoral hours and the formation of alliances, the volatility of political agreements on long-term projects was understood, favoring the formation of alliances around Political parties, corroborating with the personalization of the electoral disputes and with the centralization around leaderships, that spreads its influence in the legislative elections.

Keywords: Elections. Political Capital. Leadership.

¹ Professor Assistente de Teoria Política do curso de Ciências Sociais (FACEDI/UECE), professor-colaborador do Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas (UECE), Doutor em Sociologia (UFC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7345022773025669> Contato: emanuel.freitas@uece.br.



1 INTRODUÇÃO

A disputa pela sucessão de Cid Ferreira Gomes (então no PROS, hoje no PDT) no governo estadual do Ceará, em 2014, marcaria uma das eleições mais acirradas no cenário político local desde a redemocratização. Se a sucessão de Tasso Jereissati (PSDB) em 2002 havia formatado uma disputa aos moldes de um “plebiscito” sobre o modo de fazer política deste – levando, pela primeira vez, a disputa ao segundo turno, numa eleição em que nomes até então ligados a Tasso Jereissati disputariam o cargo com um forte discurso de oposição ao então governador -, a tática seria repetida na eleição de 2014 contra Cid Gomes, com a importante produção de defecções de aliados para as hostes opositoras às vésperas da eleição.

A política do Ceará, no período compreendido após a redemocratização, constituiu-se em torno de lideranças políticas que centralizaram o comando do Estado, forjando “ciclos políticos” longevos. Lançamos, aqui, mão do conceito de “ciclo político”, definido como novas formas de poder

[...] em que a possibilidade de continuidade é determinada pelo poder de sedução de uma “persona” política (indivíduo, grupo ou partido), capaz de fundar-se no imaginário político popular, instaurando uma temporalidade simbólica que a mídia consagra como “Era”. A hegemonia incontestada em um território estadual ou nacional é afirmada em ciclos de campanhas não competitivas. Uma temporalidade política que exige uma mística simbólica forte que a sustente (CARVALHO, 2008, p. 23).

A hegemonia de um ciclo político repousa, dentre outros elementos, sob a existência de uma série de campanhas eleitorais com baixa competitividade, em que a *persona* política do líder centraliza as decisões políticas e eleitorais do grupo, agindo no sentido de eleger, sistematicamente, uma série de políticos ligados a si, fazendo-os devedores de sua notoriedade política. Podemos compreender isso a partir de alguns dados do ciclo político “tassista” (NOBRE, 2008; PARENTE, 2002), liderado por Tasso Jereissati, no período que vai de sua primeira eleição, em 1986, até à eleição de Lúcio Alcântara ao governo do Ceará, em 2002: em todas as eleições que se seguiram a de 1986, Tasso Jereissati saiu-se vencedor em primeiro turno (1994 e 1998); conseguiu eleger seu sucessor, nas duas ocasiões em que não poderia mais disputar a reeleição (Ciro Gomes em 1990 e Lucio em 2002), emplacando a candidatura de seu candidato, em desarmonia com os candidatos pensados pelo grupo, mostrando a centralidade das decisões política em torno de si; elegendo senadores que consigo estavam coligados e que recebiam seu apoio (Mauro Benevides e Cid Carvalho em 1986, Beni Veras



em 1990, Lúcio e Sérgio Machado em 1994, Luis Pontes em 1998, Patrícia Sabóia e ele mesmo, em 2002).

Por sua vez, o ciclo político liderado por Cid Gomes tem início com sua vitória, em primeiro turno, para o governo do Ceará, em disputa contra o então governador Lúcio Alcântara, em 2006. Convém destacar, conforme CARVALHO (2006), a importância do apoio recebido de Tasso Jereissati. Naquela eleição, Cid conseguiu ainda encampar forças para eleger Inácio Arruda (PCdoB) para o Senado, numa disputa acirrada com o então deputado federal, Moroni Torgan (DEM). O partido de Cid Gomes (então PSB) conseguiria eleger 8 deputados estaduais e depois veria mais parlamentares abrigarem-se em seus quadros ou em outros partidos de sua base aliada, além de contar com 4 deputados eleitos pelo PT, 4 pelo PMDB e 1 pelo PCdoB (partidos que formavam sua coligação naquela eleição).

Cid Gomes demonstrou, ainda, importante notoriedade política no pleito seguinte, o de 2008, seja na grande quantidade de prefeitos que ajudou a eleger por diversas cidades do Ceará (somente o PSB elegera 53 prefeitos), como, especialmente, pelo apoio conferido à reeleição de Luizianne Lins (PT) em Fortaleza, apoio este amplamente explorado, seja no *jingle* oficial de campanha (“por isso eu quero/ quero Luizianne/ quero Lula, quero Cid/ quero a força dessa união”), seja no material de campanha (em especial cartazes em que os dois apareciam juntos), seja nas peças publicitárias do HGPE, em que Cid aparecia dizendo: “*Luizianne é a minha candidata*”. A expressividade de seu capital político apareceria, sobremaneira, na eleição de 2010, em que disputava a reeleição com outros 4 candidatos, dentre eles Lúcio Alcântara (agora, no PR), que havia derrotado na eleição anterior. Mas, também, por que nessa eleição seria elemento importante na primeira derrota de Tasso Jereissati em uma disputa eleitoral: Cid apoiaria Eunício Oliveira (PMDB) e José Pimentel (PT) na disputa pelo Senado contra Tasso. Outra mostra de seu capital político fora a derrota imputada ao candidato apoiado por Luizianne Lins à prefeitura de Fortaleza, Elmano de Freitas, em 2012, quando resolveu lançar o então presidente da Assembleia Legislativa do Ceará, Roberto Cláudio (então no PSB) e sair-se vencedor no segundo turno. Em 2014, numa eleição mais competitiva do que a de 2002, Cid consegue eleger seu candidato ao governo, Camilo Santana (PT) e derrotar Eunício Oliveira, seu antigo aliado, numa disputa em que juntar-se-iam importantes lideranças (em pleitos anteriores unidas a Cid em torno de um outro adversário a derrotar) para, agora, cada uma a seu modo, “derrotar a oligarquia Ferreira Gomes”.



Assim sendo, o presente artigo tem como objetivo compreender as dinâmicas das eleições estaduais que, expressando em maior grau a volatilidade e a fragmentação dos projetos políticos no Brasil, demonstram a fragilidade de acordos políticos que, longe de inscreverem-se no tempo, carregam as marcas e dos discursos de circunstâncias e dos interesse mais imediatos, inviabilizando a constituição de blocos políticos permanentes, mas levando a efeito a formação de ciclos políticos em torno de lideranças com forte caracterização centralizadoras, fazendo perdurar lógicas personalistas em torno da condução dos governos estaduais, fortalecendo-se com as alianças em torno das disputas presidenciais.

2 TASSO JEREISSATI: O ROMPIMENTO ELEITORAL (2010) E A PRODUÇÃO DE UM “FUTURO EX-ALIADO”

A questão do apoio político de Cid Gomes aos candidatos ao Senado na eleição de 2010 estava posta antes mesmo do término da eleição municipal de 2008. Em setembro daquele ano, sob o título “*Tasso diz que não cobrará apoio de Cid*”, o Jornal O Povo apontava os possíveis desdobramentos da eleição que se aproximava:

Uma triangulação envolvendo a prefeita Luizianne Lins (PT), o governador Cid Gomes (PSB) e o senador Tasso Jereissati (PSDB) começa a tomar forma, com conseqüências previstas para as eleições de 2010. Conforme OPOVO publicou na última quarta-feira, a petista se diz convicta de que Cid não apoiará uma possível candidatura de Tasso ao Senado (...) “Ele não me deve nada, não vou cobrar nada dele”, disse Tasso. (...) O petista Eudes Xavier explicou que já se está “discutindo o apoio rigoroso a Cid Gomes e o fortalecimento do projeto de Lula” (O Povo, 19/09/2008, Política, p. 17).

Conforme foram percebendo os movimentos que selariam o apoio de Cid à reeleição do projeto petista (com Dilma Rousseff), as lideranças do PSDB nutriam o desejo de uma candidatura própria ao Governo do Ceará em 2010. O primeiro nome a ser pensado é o do próprio Tasso: “*ficou claro o desejo dos tucanos de que o partido tenha um candidato. A torcida é para que Tasso se candidate*” (OPOVO, 18/11/2008, Política, p.15). Somente um nome forte poderia fazer frente a outro nome forte: Tasso *versus* Cid, um ciclo contra outro.

Passados esses movimentos iniciais, Tasso Jereissati voltaria a ser “pauta do dia” ao afirmar que nem mesmo sua reeleição ao Senado estaria certa: “*ainda não sei se serei candidato à reeleição*” (OPOVO, 06/06/2009, p.18). A matéria deixava clara qual seria a consequência imediata de uma não-candidatura de Tasso Jereissati: o caminho estaria livre para Eunício



Oliveira e para que o PT emplacasse o seu nome na disputa. Durante uma visita do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso a Fortaleza, ao ser questionado por uma repórter sobre a possibilidade de ele ser reeleito ao Senado “sem o apoio do governador”, Tasso mostrou-se irritado: “Claro, minha filha, senão não seria eleição, seria nomeação”.

Mas, há um ano da eleição o bloco político em torno de Cid, que reunia históricos opositores (o PT de Luizianne e o PSDB de Tasso), começava a ser abalado, numa disputa interna que reunia os três principais líderes políticos do Ceará de então: Cid, Luizianne e Tasso. A estratégia adotada por Cid Gomes seria a de adiar ao máximo qualquer decisão que pudesse gerar rompimentos eleitorais com qualquer um dos lados (PT ou PSDB). O apoio do PMDB, com a formalização da candidatura de Eunício Oliveira ao Senado Federal, já estava selado. Em abril daquele ano, lideranças do PSDB realizariam um encontro partidário em Fortaleza, de onde surgiriam duas decisões: Tasso não seria candidato a governador e o partido não entraria em nenhuma coligação que tivesse o PT como participante.

Em outras palavras: estariam fora da coligação que daria apoio à reeleição de Cid Gomes. Uma candidatura própria do PSDB ao governo do Estado, assim, constituía-se, pondo os aliados históricos, Cid e Tasso, em lados opostos pela primeira vez, pois o senador necessitaria de uma candidatura ao governo para alavancar sua disputa pela reeleição ao Senado. Assim, uma eleição que mobilizaria disputas narrativas com forte teor de oposição entre os aliados históricos começava a aparecer nas páginas de imprensa cearense. Nas palavras de Tasso Jereissati, “o Ceará precisa de uma chacoalhada, de sangue novo, daquela circulação mais vibrante” (*OPOVO*, 20/04/2010). Na defesa de Cid atuaria seu irmão, o deputado estadual Ivo Gomes, que assumiria a missão de dar respostas às críticas recebidas de Tasso Jereissati: “nosso governo não pertence ao ciclo de Tasso Jereissati. Esse governo é a inauguração de um novo ciclo no Estado do Ceará” (*OPOVO*, 26/06/2010, p. 18).

Em seu primeiro comício, Tasso apresentava um Ceará que, segundo ele, estava “parado”, com a “pior situação de todo o nordeste”, cuja consequência maior era uma população com “medo do governo” (*O POVO*, 10/07/2010, p.2). Tal quadro devia-se ao fato de que “os hábitos políticos não estão indo bem”. Esse seria o programas eleitorais exibidos na TV. Vejamos o comentário do jornalista Fabio Campos, em sua coluna política:

Tasso Jereissati conhece bem o peso do governador para decidir a disputa de senador. Não é à toa que, até aqui, a campanha do tucano mira Cid Gomes e não os seus concorrentes. Já assistiram Tasso falar de Pimentel ou de Eunício? Dificilmente vão



vê-lo citar esses nomes. É que a batalha se dá em outro campo. Tasso sabe que o peso do governador na disputa é que precisa ser combatido (O POVO, 20/07/2010, p. 18).

Tasso passava a referir-se durante toda a campanha a Cid como um “*futuro ex-amigo*”, que aliou-se a “*adversários e ex-amigos*” para derrubá-lo (Diário do Nordeste, 13/09/2010, p. 5). Cid Gomes responderia a Tasso tentando pôr fim às desavenças: “*candidato a senador debate com candidato a senador*” (O Povo, 14/09/2010). Assim, Tasso era, implicitamente, descredenciado pelos dois maiores “padrinhos políticos” – o que equivale a dizer, pelos dois maiores detentores de capital político – naquela eleição: Cid e Lula

Os resultados da eleição foram os seguintes: Cid Gomes com 2.436.940 votos (63%), Marcos Cals com 775.852 votos (20,01%) e Lúcio Alcântara com 654.035 votos (16,9%). Para o Senado Federal: Eunício com 2.688.833 votos (39,3%), Pimentel com 2.397.851 (35%) e Tasso com 1.754.567 votos (25,6%).

Logo após confirmada sua derrota nas urnas, o desfecho daquela eleição era noticiado pela imprensa como o “fim”, o “desfecho” não apenas do capital político de Tasso, mas mesmo com o “fim” de sua carreira política. Vejamos o exemplo abaixo:

“*Jereissati anuncia fim da carreira política*” - O senador Tasso Jereissati (PSDB), 61, afirmou ontem ter encerrado sua carreira política. “*Não vou mais disputar cargo público. Essa foi uma decisão dada primeiro pela população e depois por mim*”, afirmou em coletiva à imprensa, em Fortaleza. [...] “*Sabíamos, quando nós resolvemos lançar candidato próprio, com o partido isolado, que seria muito difícil. Resolvemos assumir o risco*”, disse o senador na coletiva (GAZETA MERCANTIL, 05/10/2010) (grifos nossos).

Mas, e como Cid Gomes veria a derrota de Tasso ao Senado?

O POVO: **Como foi ter o Tasso Jereissati do outro lado?** Cid – Olha, a gente tem uma relação histórica com o Tasso. Eu nunca escondi nada de ninguém. Eu tentei até a última hora fazer aqui uma composição em que se preservasse a candidatura do Tasso. **OP – Ele se precipitou?** Cid – *Ele absolutamente se precipitou. Ele se precipitou. Eu tava trabalhando quando sou surpreendido por uma declaração.* Fiquei no pior dos mundos. [...] **OP – Como o senhor vê o futuro dessa relação?** Cid – Ah! (Silêncio) (OPOVO, 31/10/2010) (grifos nossos).

3 LUIZIANNE LINS: A “FORÇA DA UNIÃO” (2008) TRANSFORMADA EM “ROMPIMENTO COM A OLIGARQUIA” (2012)

A aliança entre Cid Gomes e a então prefeita de Fortaleza, Luizianne Lins (PT), selada na eleição estadual de 2006 (em que Luizianne indicou o candidato a vice na chapa vitoriosa de Cid, o seu correligionário Professor Pinheiro) e reproduzida na campanha pela sua reeleição à



condução do comando da capital (cabendo, desta vez, a Cid indicar o vice de Luizianne, seu primo Tin Gomes – PHS), começou a dar sinais de desgastes já na eleição de 2010. Isso porque, como vimos acima, a pressão pelo apoio de Cid aos candidatos ao Senado Federal estava por todos os lados: Eunício Oliveira, a quem o governador já havia prometido apoio, desde que este havia desistido de sua candidatura em 2006 para apoiar Inácio Arruda (PCdoB); os petistas, que cobravam apoio ao deputado José Pimentel, mas também reclamavam a continuação do partido na chapa majoritária; e Tasso Jereissati, amigo de longa data da família Ferreira Gomes e apoiador contumaz da eleição de Cid, em 2006.

Ao final das discussões pré-eleitorais, o PT receberia a indicação do nome de José Pimentel à segunda vaga da coligação de Cid que concorreria, com seu apoio, ao Senado Federal. O embate interno à aliança, assim, com o resultado senatorial favorável ao PT, foi de importância capital para a derrota de Tasso Jereissati naquela eleição. Mas as rugas desse embate seriam reproduzidas nos passos posteriores, que chegariam à sua sucessão da Prefeitura de Fortaleza. Já em 2011, quando da disputa pela Presidência da Câmara de Municipal da capital, um embate forjou-se entre Acrísio Sena (PT) e Salmito Filho (então no PT). O primeiro era, candidato da Prefeita, enquanto o segundo, uma “aposta” do governador para a eleição que se aproximava. O deputado Ivo Gomes, irmão do governador, definia a “interferência” da prefeita na eleição da Mesa Diretora da Câmara como “política de bodega” (OPOVO 29/11/2010), o que faria a prefeita indagar: “o que está por trás dessa manifestação do deputado? Estamos surpresos” (*IDEM*). Do embate se depreendia que “o cristal está quebrado e não tem conserto”, segundo o deputado federal José Guimarães (OPOVO, 08/11/2010). Salmito ganharia a disputa e migraria para o PSB, partido de Cid. Assim, o grupo vencedor naquela disputa sairia fortalecido para a eleição que se avizinhava. Uma outra página do futuro rompimento seria a declaração de Luizianne que ameaçava romper contrato histórico com a companhia de abastecimento de água (a CAGECE), gerida pelo governo estadual, caso esta não se empenhasse no conserto dos inúmeros buracos na malha viária da cidade (DN, 08/03/2011).

Lembro que os embates entre os dois políticos, na verdade, iniciaram-se ainda em 2008, quando, a contragosto da prefeita, Cid decidira construir um estaleiro na zona urbana de Fortaleza, na praia de Titanzinho. O embate tomou, por dias, as páginas de jornal da cidade, ganhando, em uma de suas edições, a seguinte manchete: “Luizianne envia recado: ‘*essa cidade tem prefeita*’” (OPOVO, 08/05/2008). Prevaleceu a vontade da prefeita, que contou com a mobilização de movimentos sociais para a derrocada da proposta do governo.



Numa tentativa de contornar os atritos já engendrados entre as duas gestões (e que poderiam produzir um rompimento da aliança PT-PSB), Cid Gomes faz publicar uma nota, em nome do Governo do Ceará:

O governador Cid Gomes, por meio de sua assessoria de imprensa, informa que tomou conhecimento das declarações da prefeita Luizianne Lins e determinou que todos os colaboradores do Governo encerrem qualquer tipo de polêmica ou discussão pública com a prefeita (O POVO, 24/11/2011, s/p).

Mesmo com todos os esmeros encenados pelo governador, a crença corrente entre políticos e jornalistas era a de que o rompimento político era questão de tempo breve, conforme ressaltava, dentre outros, o jornalista Fábio Campos:

A guerra fria de PT e PSB

O MAIS IMPORTANTE PARCEIRO E O PIOR RELACIONAMENTO POLÍTICO

Segundo avaliação do Palácio da Abolição, a relação com a Prefeitura de Fortaleza é a pior mantida com qualquer dos 184 municípios cearenses. Isso a despeito de se tratar do mais importante aliado. Nem adversários, como o prefeito de Maracanaú, Roberto Pessoa (PR), há problemas administrativos de mesmo volume – ainda que, por razões eleitorais, eles travem disputa até na Justiça. A situação não chega a ser propriamente novidade. [...]

APENAS UM PACTO DE NÃO-AGRESSÃO

É enorme a possibilidade de o que escreverei a seguir ser mal interpretado, mas ressalto que a comparação leva em conta apenas os dois episódios em questão. Não há, nem é cabível qualquer analogia entre os personagens, a despeito dos recorrentes exageros de críticos mais destemperados. Mesmo com a provável incompreensão, vamos ao ponto: a aliança entre Cid e Luizianne, mal comparando, lembra o pacto firmado entre Hitler e Stalin, dias antes do início da Segunda Guerra Mundial. Naquela época, o único objetivo era impedir que um atacasse o outro. Agora, a intenção se limita a impedir o lançamento de candidatura adversária. Repito: não que governador ou prefeita tenham qualquer coisa a ver com qualquer dos ditadores sanguinários. Mas os episódios guardam lá suas semelhanças. Cid e Luizianne não buscam um no outro um colaborador. Desejam apenas evitar ganhar um opositor. Assim, podem partir para o enfrentamento em outras frentes sem receio de qualquer dor de cabeça. Com bases tão frágeis, tal entendimento corre risco de ser rompido a qualquer momento. Como ocorreu quando Hitler resolveu atacar Stalin. Naquele gesto, começou a perder a guerra (O POVO, 25/11/2011, s/p).

Depois desses embates, o nome do presidente da Assembleia Legislativa do Ceará, Roberto Cláudio, aparecia como nome de Cid à disputar a Prefeitura de Fortaleza, em oposição a qualquer que fosse o nome escolhido pela prefeita, que inicialmente afirmava contar com onze nomes do partido (seus secretários Catanho e Elmano, o deputado Artur Bruno, o senador Pimentel, os vereadores Guilherme Sampaio e Acrísio Sena figurando entre os mais conhecidos). A escolha de Luizianne recaiu sobre Elmano de Freitas, e Cid confirmou seu



apoio a Roberto Cláudio, numa disputa que ficou marcada não pelo embate entre os dois candidatos de fato, os “candidatos poste” (CARVALHO, 2014), mas como uma disputa entre Cid e Luizianne. Eram suas gestões o *ethos* de credibilidade (CHARAUDEAU, 2006) acionado por cada um dos dois líderes políticos, que cumpria apresentar ao eleitor como dignos de credibilidade para afiançar cada uma das candidaturas. Os próprios candidatos, os dois mais desconhecidos daquela disputa, reconheciam o papel jogado por seus “padrinhos”:

Cid e Luizianne influenciam na campanha

Elmano afirma que, no início da campanha, vinha percebendo um desconhecimento da população sobre as ações realizadas pela administração de Luizianne e ouvia muito o questionamento das pessoas em relação à atual gestão. Conforme analisa o petista, esse desconhecimento influenciou para a avaliação negativa da prefeita. “Na medida que começou o programa eleitoral, isso foi mudando. Percebo hoje muito mais gente falando que vai votar em mim por causa dela (Luizianne) e não mais pessoas fazendo críticas. Claro, as pessoas ainda apresentam problemas. Mas são problemas históricos, que não tínhamos como resolver em sete anos e meio”, afirma Elmano. Para o candidato, a divulgação das ações do governo tem melhorado a avaliação da atual gestão. Conforme as últimas pesquisas Ibope, a rejeição de Luizianne vem diminuindo, embora ainda seja significativa. Elmano diz não ver ônus no apoio da prefeita Luizianne, mas reconhece que, por representar o governo na campanha, têm o ônus das críticas em razão de “problemas históricos” da cidade. “Eu só tenho a agradecer a Luizianne pela liderança, pela participação dela na unidade do PT. Isso é decisivo para a nossa vitória”, comenta. Questionado se o fato de ser apontado como o candidato da prefeita e do ex-presidente Lula reduz sua personalidade política, Elmano acredita que não e diz que isso é levado para a campanha para mostrar que ele vai continuar o modo petista de governar. “Isso implica em governar pra todos, mas priorizando os mais pobres, a transparência e a participação popular. Estamos dizendo: vote em Elmano porque ele vai governar no modelo que Lula, Dilma e Luizianne governam” [...].

Ônus

Roberto Cláudio diz não ver ônus no apoio de Cid à sua candidatura, justificando que os eleitores acreditam que as propostas dele terão mais possibilidade de serem executadas em razão da parceria. “O mais importante é poder contar com a estreita parceria de um governo que tem grande capacidade de investimento, para grandes projetos que pensamos em fazer”, diz. Para Roberto Cláudio, o apoio de Cid não traz dificuldade, acreditando que o que há é a crítica política, vinda de concorrentes. “Eu só vejo vantagem. Sou candidato de uma aliança de 14 partidos e tenho o privilégio de ter apoio do governador. Só vejo vantagens e oportunidades para Fortaleza”, declara. Indagado se perde um pouco da personalidade política ao ser apontado como o candidato do governador, Roberto Cláudio afirma que sua campanha tem feito questão de apresentá-lo à população. “Eu construí uma história política própria e tenho o privilégio de ser apoiado pelo governador, que me oferece parceria administrativa. O restante é política”, considera. Alguns candidatos tem feito críticas a esses apoios do governador e da prefeita, procurando ressaltar sua independência e deixar claro não serem “candidatos puxadinhos”. Sobre essa questão, Elmano faz questão de ressaltar que não é candidato de alguém, mas de um projeto político. “Eu sinto como alguém querendo criar uma referência para si que não funciona. Eu sou candidato de um projeto político. Estou há 16 anos no PT e estou em um projeto do qual fazem parte Luizianne, Dilma, Lula, deputados e a militância. Eu expressei essa militância toda”, afirma (Diário do Nordeste, 23/09/2012, s/d) (grifos nossos).



Ao fim daquela eleição, Cid Gomes sairia vitorioso em várias cidades (passando de 56 para 83 o número de cidades governadas pelo seu partido no Ceará), mas em especial pela derrota imposta à Luizianne Lins: Roberto Cláudio venceu com 650.607 votos (53,02%), e Elmano de Freitas ficou com 576.435 votos (46,98%). As rusgas daquela disputa fariam Elmano indagar-se: “dá para ter como aliado alguém que investe pesado contra o PT?”. Seria essa a tônica da postura do grupo ligado à Luizianne durante a eleição estadual de 2014.

4 EUNÍCIO OLIVEIRA: “O SENADOR DO CID” (2010) TRANSFORMA-SE NO “AVENTUREIRO” (2014)

As relações entre os grupos políticos liderados por Cid Gomes e Eunício Oliveira, que ajudaram-se mutuamente nas eleições de 2010, derrotando a até então maior liderança política do Ceará, Tasso Jereissati, pondo os dois como maiores responsáveis por tal derrota, parecia ser uma das mais sólidas. Naquela eleição, Eunício recebera 2.688.883 votos, enquanto Cid recebera 2.436.940 votos. Além disso, o partido do senador ocupava cargos importantes na gestão estadual e fora importante para a vitória de Roberto Cláudio na eleição de 2012, compondo como vice na chapa deste, com o aliado de Eunício, Gaudêncio Lucena. Contudo, desde meados de 2013 a candidatura de Eunício ao governo do Ceará desenhava-se no cenário político, e dada como certa em seu partido (Renan Calheiros, presidente do Senado, detalhou o plano de seu partido naquela eleição: “O PMDB está trabalhando com a necessidade de escalar candidatos competitivos em todos os estados. Um dos locais onde disputaremos com mais condições é, sem dúvida, o Ceará. E o Eunício será um grande governador”).

Mesmo com tais afirmações, e com caravanas² percorrendo o Ceará, o peemedebista permanecia “negando” sua candidatura, em “atos de fala” que, na verdade, buscavam tempo

² “O senador Eunício **Oliveira** (PMDB) chega nesta quinta-feira, 16, ao Ceará, após período de férias nos Estados Unidos. De acordo com a assessoria de imprensa do senador, ele “inicia a caminhada para **viabilizar sua candidatura** ao Governo do Estado”. A agenda começa pelo Cariri, onde Eunício se reunirá com prefeitos de vários municípios da região. Em Juazeiro do Norte, Eunício reunirá a imprensa local para uma coletiva no aeroporto Orlando Bezerra de Menezes. Na ocasião, ele deve anunciar sua pré-candidatura e, segundo a assessoria, dar detalhes sobre seus projetos para o ano eleitoral. No Crato, à noite, o senador participará da solenidade de formatura de alunos da Faculdade de Medicina de Juazeiro, como patrono da turma. Há ainda uma visita programada à estátua de Padre Cícero na Colina do Horto. Na sexta-feira, 17, pela manhã, o senador segue para Fortaleza, onde participa de audiências com prefeitos e vereadores da Capital e do Interior. No mesmo dia, à noite, Eunício participa de inauguração de agências do INSS no Sertão Central. O ministro da Previdência Social, Garibaldi Alves, participa das inaugurações. Há meses Eunício se movimenta nos bastidores para robustecer sua candidatura ao Governo. Conforme **O POVO** mostrou em dezembro, ele vinha deixando cada vez mais evidente sua postulação. Atualmente, o PMDB integra a base aliada do governador **Cid Gomes** (Pros). Eunício afirmou



para o convencimento de Cid para apoiá-lo na empreitada ou, caso contrário, a lançar-se na disputa mesmo sem este apoio³.

Articulando sua candidatura a partir de contatos com as instâncias máximas de seu partido (de quem era o líder no Senado), o senador foi constituindo-se como o “carro-chefe” de um bloco de partidos e lideranças que tencionavam articular-se como uma “frente de oposição”⁴ a Cid Gomes, antigo aliado de todas essas frentes e que havia sido de importância considerável para suas vitórias em pleitos anteriores. Foi assim que conseguiu aproximar o ex-prefeito de Maracanaú, Roberto Pessoa (PR) – o que trazia pra dentro de sua campanha a presença de Capitão Wagner, ferrenho opositor de Cid e grande aglutinador de votos – e convenceria Tasso Jereissati a voltar à disputa por cargos públicos⁵. Mesmo antes do cenário eleitoral configurar-

várias vezes que pretende manter a aliança e contar com o apoio do governador. Porém, sempre ponderou que, se não for possível manter o arco atual, “vai cada um para o seu lado” (O POVO, 19/02/2014, s/p) (grifos nossos).

³ Em 12/02/2014, o Jornal *O POVO* trazia a seguinte matéria: “Ontem, um dia após sua assessoria ter divulgado que ele iniciaria uma caminhada pelo Interior para tentar se viabilizar, Eunício baixou o tom, evitou falar em pré-candidatura e disse aguardar uma conversa “olho no olho” com o governador Cid Gomes (Pros). Entretanto, confirmou que o partido tem se movimentado com vistas ao protagonismo no pleito deste ano. “Viabilizar uma candidatura do PMDB, lógico, claro que tá, não vou mentir para ninguém. Mas que isso é pré-candidatura, não, é claro que não”, disse Eunício, durante a solenidade para aquisição do Campo do América, em Fortaleza. Eunício lembrou ainda a possibilidade legal de mais de um palanque para a presidente Dilma Rousseff (PT) no Ceará. “O PMDB nacional (...) compreende que a queda da verticalização (norma eleitoral) vai permitir que várias coligações diferentes, de partidos que tenham candidatos a presidente diferentes, possam acontecer nos estados”, destacou. O peemedebista, que deseja disputar o governo com apoio do Palácio da Abolição, ainda aguarda negociação com Cid – que, por sua vez, sinaliza não ter pressa e diz que o prazo para bater o martelo só se encerra em junho. Após evento em Fortaleza, Eunício embarcaria para Brasília, onde teria reunião com a cúpula da sigla sobre as estratégias deste ano. A decisão será anunciada em uma pré-convenção do PMDB nacional, em abril”. O Jornal *Diário do Nordeste* trazia matéria similar: “Sem meio termo, o senador age e fala como candidato. Sua desenvoltura nos bastidores da política chegam a constranger aliados locais. Nas conversas privadas, segrega sua bile quando fala do Governo que supostamente deveria defender”.

⁴ “Bloquinho” de oposição convida PMDB para fazer oposição a Cid; líder não descarta
Líder do **PMDB** na Assembleia, o deputado Danniell Oliveira não descarta que bancada da legenda passe a votar com a **oposição de Cid Gomes** (Pros) no Legislativo. A declaração ocorreu pouco após Fernanda Pessoa (PR), deputada da oposição, convidar o parlamentar a integrar “bloquinho” de críticos a Cid na Casa. Na semana passada, o PMDB abandonou cargos no governo, de olho na eleição de Eunício Oliveira (PMDB) à sucessão estadual. “Minha resposta (ao convite da oposição) é que vamos conversando. Nossa bandeira agora é a da independência, não temos nenhuma obrigação em votar com as matérias do governo. Então vamos votar naquelas que é para o bem do povo do Ceará. Caso a oposição apresente matéria positiva, nós vamos votar com ela”, disse Danniell, que é sobrinho de Eunício. O deputado destaca que a posição não significa fazer “oposição por oposição” a Cid, e que a postura pode mudar dependendo dos rumos entre Pros e PMDB na eleição. “Se o Cid decidir que vota no Eunício, não temos porque não dar continuidade aos projetos. Agora, com a situação atual, do Cid dizendo que não deve nada ao Eunício, fica uma situação um pouco complicada”. Danniell Oliveira reforça que, antes de qualquer resposta definitiva deverá levar o convite às demais lideranças do partido. “Não queremos tomar decisão antecipada. Vamos conversar com todos”, diz (*Diário do Nordeste*, 06/05/2014, s/p).

⁵ “O sonho de Eunício para essa campanha era ter o apoio do governador para a sucessão, de modo a ser unguido numa campanha praticamente sem disputa. Desse, ele já acordou. Outro sonho é ter Tasso Jereissati (PSDB) como colega de chapa, disputando novo mandato no Senado. Há alguns meses, houve, sim, diálogos entre o senador e Luiz Pontes, presidente do PSDB cearense. Já quanto ao ex-senador, ele estava no Exterior e Eunício dizia a interlocutores que aguardava seu retorno para conversarem. Tasso, por sua vez, sustentava que já dera sua contribuição e que deveria dar a vez a outros. Contudo, as pressões para que se candidate são muitas. Sobretudo



se, Eunício figurava com 58% das intenções de voto, dando mostras de sua popularidade. Em meio a essas movimentações, cogitou-se a renúncia de Cid Gomes ao governo do Estado para possibilitar sua candidatura ao Senado, numa estratégia de “puxar” votos para seu candidato ao governo, numa tentativa de fazer frente à chapa opositora, que parecia a cada dia mais claramente vir a ser formada pela dupla Eunício e Tasso, dois nomes de importante “capital político” (BOURDIEU, 2010). Contudo, Cid não renunciou e não respondeu a Eunício Oliveira no prazo que este havia dado-lhe para uma posição sua acerca do apoio a ser dado na disputa vindoura⁶.

Desde a eleição de 2010, em que esperou bastante tempo para que o rompimento político fosse percebido como produzido por Tasso (estratégia repetida em 2012 com Luizianne), Cid tomou por parâmetro a postergação ao máximo da escolha de seu candidato, deixando seus aliados à espera de sua decisão, como “líder” do bloco no poder. A demora na definição de nomes, tanto em 2010 como em 2014, fez com que nomes aliados importantes mudassem para o lado da oposição. Na longa demora de Cid, acompanhada de sua não-renúncia para disputar o Senador, além de seu apoio a Eunício, também desfez-se a candidatura do deputado José Guimarães ao Senado. Assim, enquanto seguia a indecisão de Cid quanto ao candidato a ter seu apoio (Izolda Cela, Mauro Filho, Domingos Neto, Zezinho Albuquerque e Leônidas Cristino), a chapa opositora já estava definida: Eunício seria o candidato ao Governo, tendo Roberto Pessoa como vice e Tasso como candidato ao Senado. Na tarde que antecedia o prazo final das convenções partidárias, Cid reuniria os possíveis candidatos para anunciar seu decreto: sua escolha recairia sobre Camilo Santana (PT), que havia composto seu secretariado nos dois governos. Izolda Cela, sua conterrânea e correligionária, seria a candidata a vice e Mauro Filho, seu secretário da Fazenda nos dois governos, o candidato ao Senado. Uma outra defecção nas hostes governistas ocorreria nessa eleição: Eliane Novaes (PSB) candidatar-se-ia ao governo num tom marcadamente opositor, unindo-se a Eunício no segundo turno.

vindas de Minas Gerais. Aliás, Tasso já está de volta. A conversa não deve demorar a ocorrer. A chance de o senador se candidatar não é considerada grande por quem está próximo a ele. Mas já foi menor” (Texto do jornalista Fábio Campos, publicado em 12/04/2014).

⁶ Depois, durante a campanha, Cid elencaria os motivos que teriam-no levado a negar apoio a Eunício: “Apoiar o Eunício? Ele me procurou para pedir o meu apoio. Seria o melhor caminho? Penso que não. Eu o conheço bem, bem mesmo, de convivência de muito tempo, e conheço bem o Camilo. O Eunício, a meu juízo, padece de três defeitinhos básicos: é excessivamente ambicioso, e isso é uma coisa perigosa; o segundo deles, tem pouco compromisso com a verdade; e o terceiro, mistura negócios e política. Isso dá um caldo que é absolutamente perigoso para o Estado do Ceará. Pode parecer que estou aqui apelando, em véspera de eleição, mas esse foi o sentimento que me moveu para não apoiar o Eunício” (O POVO, 10/09/2014, s/p).



5 ROMPIMENTOS ELEITORAIS E DEFEÇÕES NO CICLO POLÍTICO: LUIZIANNE, TASSO E EUNÍCIO NO *FRONT* CONTRA CID GOMES

Após apresentar as movimentações político-eleitorais ao longo dos anos 2010, tentando levar a cabo aquilo que SOUZA (1984) afirma ser importante nos “estudos de conjuntura” (ou seja, a apresentação dos atores e das forças sociais envolvidas num dado cenário a ser analisado), pretendo aqui esboçar o quadro da eleição de 2014, em que as três *personas* então com maior capital político no cenário estadual foram levadas a efetivar o rompimento com Cid Gomes e porem-se do mesmo lado da disputa, encenando discursos e ações de aberta oposição ao então governador, agora apresentado como um “grande oligarca”.

**Luizianne Lins:* ainda em 2013, sugeriu que o PT rompesse com o governador (a quem referiu-se como “criança que não teve brinquedo e faz de todos seu Playmobil”) e lançasse candidatura própria, uma vez que “acordo com ele não vale muito”; no início do HGPE teve suas inserções, e a de seus aliados (Eudes Xavier, Elmano e Antonio Carlos) não exibidas, por duas vezes, pelo diretório do PT, tratando de responsabilizar Cid pela “censura”, abrindo uma série de atritos com partido durante a campanha; um outro desconforto foi a notícia de que seu grupo político não subiria no palanque de Camilo Santana, seu correligionário, e poderia selar apoio a Eunício Oliveira, que dava mostras de aproximação com Aécio Neves⁷ (PSDB) como forma de retaliação à possível vinda de Dilma Rousseff (PT) ao Ceará para pedido de votos para Camilo Santana. Durante a campanha mereceu de Cid apenas uma declaração: “não discuto com gente que vive de criar factoides”. Luizianne contabilizou 97.842 votos, posicionando-se me oitavo lugar geral na votação, ficando atrás, inclusive na capital, de Moroni Torgan (DEM), seu opositor. Em que medida Luizianne venceu? Como mensurar sua eleição como uma vitória ou como uma derrota, uma vez que Moroni obteve, na capital, o dobro de seus votos? Ou em que medida perdeu?

**Tasso Jereissati:* travou um duro embate com Cid, mais do que com Mauro Filho, seu principal opositor, tal como havia feito na eleição de 2010 – naquela eleição sua campanha, conforme

⁷ Apesar de não ter comparecido à reunião do PT na manhã desta sexta-feira, 27, a **ex-prefeita Luizianne Lins** enviou nota em que condena preferência do partido em apoiar candidato de Cid Gomes (Pros). No documento, a petista responsabiliza ainda o PT Ceará pela **aproximação entre Eunício Oliveira (PMDB) e Aécio Neves (PSDB)**, em detrimento do palanque de Dilma Rousseff (PT) no Estado. “A política de privilegiar a relação com a família Ferreira Gomes, ignorando outros aliados, pode prejudicar fortemente a campanha da presidenta Dilma no Ceará, num momento de forte ataque das elites brasileiras e internacionais, e dos partidos de opinião. A maioria de mais de 2 milhões e 300 mil votos que demos a Dilma em 2010 no Ceará ficará ameaçada”, diz. Segundo Luizianne, o partido deveria ter se distanciado tanto de Eunício quanto Cid, lançando candidatura própria ao governo. Pela análise da ex-prefeita, esta opção evitaria a saída do peemedebista do arco de aliança de Dilma no Ceará (Diário do Nordeste, 03/07/2014, s/p) (grifos nossos).



mencionamos acima, havia tomado feições de um *anti-ethos* de Cid, e não de seus opositores diretos, como em 2014, eleição em que rememorou seus feitos à frente do governo do Ceará, contrapondo-os aos feitos de Cid, bem como seu estilo de governar⁸; teve de ver Cid referir-se a si como “senador cheio de ódio e rancor”, além de ter visto Cid Gomes dedicar uma tarde inteira à postagens no *facebook*, dedicando-se a responder às diversas críticas que o candidato a senador havia feito, até aquele momento, às suas gestões. Tasso venceria a eleição para o Senado Federal com 2.314.796 votos (57,91% do total), mas não conseguiu transferir seu capital política aos candidatos a deputado: o PSDB elegeu apenas 1 deputado estadual e 1 federal, assim como Eunício não saiu-se vencedor, mesmo com seu apoio, nem Aécio Neves conseguiu expressiva votação no Ceará (apenas 1.067.096 contra 3.522.225 de Dilma). Assim, as dimensões que expressariam a vitória de Tasso estariam mais ligadas ao desconhecido nomes escolhido por Cid para a disputa senatorial? Ou o prestígio de Cid na eleição de 2010, numa clara oposição a Tasso (somada ao capital político de Lula)⁹ teriam auxiliado na derrota de Tasso naquela eleição?

**Eunício Oliveira*: entrou na campanha com a alcunha de “rica\$\$o” e de “pinóquio”, dada por Ciro Gomes¹⁰, e de “aventureiro ambicioso”, dada por Cid, além deste ter declarado que o

⁸ “Tasso Jereissati garantiu que o retrospecto de vida de Roberto Pessoa é um dos pontos que podem garantir às lideranças do Interior que elas terão fácil acesso ao governador, caso Eunício Oliveira seja eleito. “Se alguém tem alguma dúvida de que o Eunício, como governador, vai receber prefeito, vereador, basta olhar quem é o seu vice-governador, Roberto Pessoa. Eu não conheço nenhum político que tenha um empenho tão grande a estar diariamente com todos os prefeitos e vereadores, seja de onde for. Não interessa o tamanho do município”, destacou o candidato. Tasso Jereissati ainda comparou a situação de abandono reclamada pelas lideranças do Interior com a realidade do Estado. “Nesse momento, tudo o que se quer, toda a filosofia, todo o princípio, inclusive da minha candidatura, é acabar com este período no Estado do Ceará em que a própria democracia e todas as instituições estão praticamente dilaceradas”. Prosseguindo, acrescentou o candidato a senador, Tasso Jereissati: “Alguém disse que os vereadores e prefeitos estão abandonados, que ninguém olha para eles. O que está assim é todo o Estado do Ceará e, quando eu falo de Estado, quero falar do povo. Hoje, olha-se muito para obra grande e não se olha para o dia a dia das pessoas”, disse” (Diário do Nordeste, 03/07/2014, s/p).

⁹ Por razões da presença do PMDB, partido de Eunício, na chapa de Dilma Rousseff, vetou-se a presença de Dilma e Lula no Ceará para fazer campanha pelos candidatos ao governo e ao senado da chapa governista.

¹⁰ Ciro postou o seguinte em seu perfil no *facebook*: “apenas três anos de mandato de senador com contratos obscuros com a petrobras e outras agências federais não se explica ao povo do estado que quer governar...E me chama de desequilibrado. Falou a a verdade pela primeira vez na vida...sou mesmo...em favor do Ceará, não tenho equilíbrio. Contra corruptos, muitos menos! Então Tá...aceitei meu desequilíbrio...que tal agora ele dar uma simples explicação? Como foi isto? Levou 63 anos para acumular uma imensa fortuna de R\$ 36 milhões de reais e em apenas três anos e meio de senador virar o candidato de maior fortuna entre todos os candidatos, de todos os partidos, de todos os estados, nestas eleições com um patrimônio pessoal de estonteantes R\$ 99 milhões de reais? Com a Petrobras como pista da resposta? Pode me criticar, tentar me censurar, mas a resposta deveria ser simples..”. E ainda isso: “A quadrilha do Euni\$\$o está espalhando um vídeo clandestino atacando violentamente ao Cid a quem o verme bajulador adulava até 100 dias atrás na esperança de ser o seu candidato. Como Cid sabe de sua indecência e de seu brutal despreparado, resolveu apoiar Camilo, que nem é de seu partido nem mesmo de sua Cidade, mas porque é o mais preparado e sério ! Como a raposa fez com as uvas, Euni\$\$o agora só agride, e o faz de seu jeito covarde e anônimo de sempre :através de perfil falso no facebook. Uma coisa fica certo...a gaiola das loucas está só passando o recibo de seu rancor e frustração. Saiam da frente!”.



senador “mistura dinheiro com política” e que havia feito “chantagem” contra o governo na CPI da Petrobrás”; teceu várias críticas ao “pior governo do Brasil”, do qual “libertaria o povo do Ceará”; ligou a Cid a apreensão de sua mulher e da esposa de Tasso no aeroporto de Fortaleza¹¹; teve de responder inúmeras vezes, seja a repórteres, seja aos demais candidatos durante os debates sobre seu rompimento com Cid, depois de 7 anos e 3 meses de apoio irrestrito ao governador, bem como sua aliança eleitoral com Tasso após derrotá-lo em 2010. Eunício liderou todas as pesquisas de intenção de voto no primeiro turno, chegando mesmo a figurar como vitorioso. Contudo, sua ida ao segundo turno atrás de Camilo Santana, apoiado por Cid, bem como sua derrota, para este, propõe-nos a necessidade de uma reflexão mais apurada: sua derrota foi, de fato, uma vitória de Cid. Se pensarmos, dentro do universo de votos obtidos por Eunício (2.113.490 votos contra 2.417.896 de Camilo, pouco mais dos 1.979.499 obtidos no primeiro turno), que sua votação na capital (700 mil, ou 57% do total), representaria isso uma derrota de Cid na capital, governada por um aliado seu e, por isso mesmo, já podendo ser vista como uma *recall*?

Ao fim daquela eleição, seria possível pensar em termos de uma vitória absoluta de Cid e uma constituição de sua liderança na cena política estadual? Estariam os atores políticos que uniram-se contra Cid, de fato, derrotados? Haveria a continuidade do ciclo político liderado por Cid na eleição de Camilo Santana? A derrota de Eunício significaria um interdito à sua liderança e a uma possível constituição de um ciclo “eunicista”?

Se um dos elementos, como vimos anteriormente, de um ciclo político é a realização de eleições pouco competitivas, tal não foi o cenário observado em 2014, com a disputa sendo levada ao segundo turno e vencida com um baixo valor percentual (52 a 48%), o mesmo percentual que se veria na disputa pela Prefeitura de Fortaleza, em 2016, que legou um terceiro lugar a Luizianne Lins (com 17% dos votos no primeiro turno – o que permitiria pensar em seu

¹¹ “Mônica Paes de Andrade Oliveira, mulher do candidato a governador do Ceará pelo PMDB, senador Eunício Oliveira, e Renata Jereissati, esposa do candidato ao Senado, Tasso Jereissati (PSDB), foram abordadas na última quinta-feira por três policiais federais no aeroporto Pinto Martins, destinado a jatos executivos, na capital cearense. Elas se preparavam para viajar a Juazeiro do Norte, rumo a uma reunião com 1,5 mil mulheres, em apoio às candidaturas de Eunício e Tasso. Na bagagem, levavam dezenas de caixas com material de campanha. O senador ficou furioso com o tratamento grosseiro dispensado à esposa. Ele classificou o constrangimento ao qual sua família e apoiadores foram submetidos como mais um gesto “aloprado” por parte dos aliados do governador Cid Gomes. “É uma tentativa de intimidação. O Cid e o Tasso jogam esse jogo de intimidação junto com o PT. Dossiê aloprado eles sabem fazer. Fizeram em campanhas anteriores”, disse Eunício por intermédio de assessores. “O medo do Cid e do Tasso de me ver sentado naquela cadeira é sabido que vou apurar todos os malfeitos. Vou querer ver o estado ressarcido e quem tiver que pagar vai para a cadeia”, completou o senador” (Blog da Denise, 16/09/2014, s/p).



ostracismo na cena política cearense, na esteira do desgaste de seu partido?), e uma disputa acirrada entre Roberto Cláudio, que disputava a reeleição como apoio de Cid (que não apareceu no HGPE), e Capitão Wagner, que contou com o exibível apoio de Tasso e Eunício, tendo sido apresentado como uma “nova liderança na política cearense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *O campo político*. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 5, p. 193-216, 2010.

CARVALHO, Rejane. CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly de. *Duelo entre candidatos poste: a campanha eleitoral pela prefeitura de Fortaleza em 2012*. **Anais do IX Encontro Nacional da ABCP**, Brasília, p. 1-22, 2014.

_____. **O retorno da competitividade na disputa pelo governo do Ceará em 2002**. Texto apresentado no 27º Encontro Anual da ANPOCS em Caxambú, MG, outubro de 2003. (*mimeo*). 2006.

_____. *Fronteiras simbólicas borradas na transição de ciclos políticos: a campanha para o governo do Ceará de 2006*. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 39, n. 1, p. 22-43, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

PARENTE, Josênio. *O Ceará e a modernidade*. In: PARENTE, Josenio; ARRUDA, José Maria Arruda. **A era Jereissati: modernidade e mito**. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 2002.

NOBRE, Maria. **A modernização do atraso: a hegemonia burguesa do CIC e as alianças eleitorais da “Era Tasso”**. 325f. Tese de doutoramento do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC, 2008.

SOUZA, Herbert José de. **Análise de Conjuntura**. 27.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.